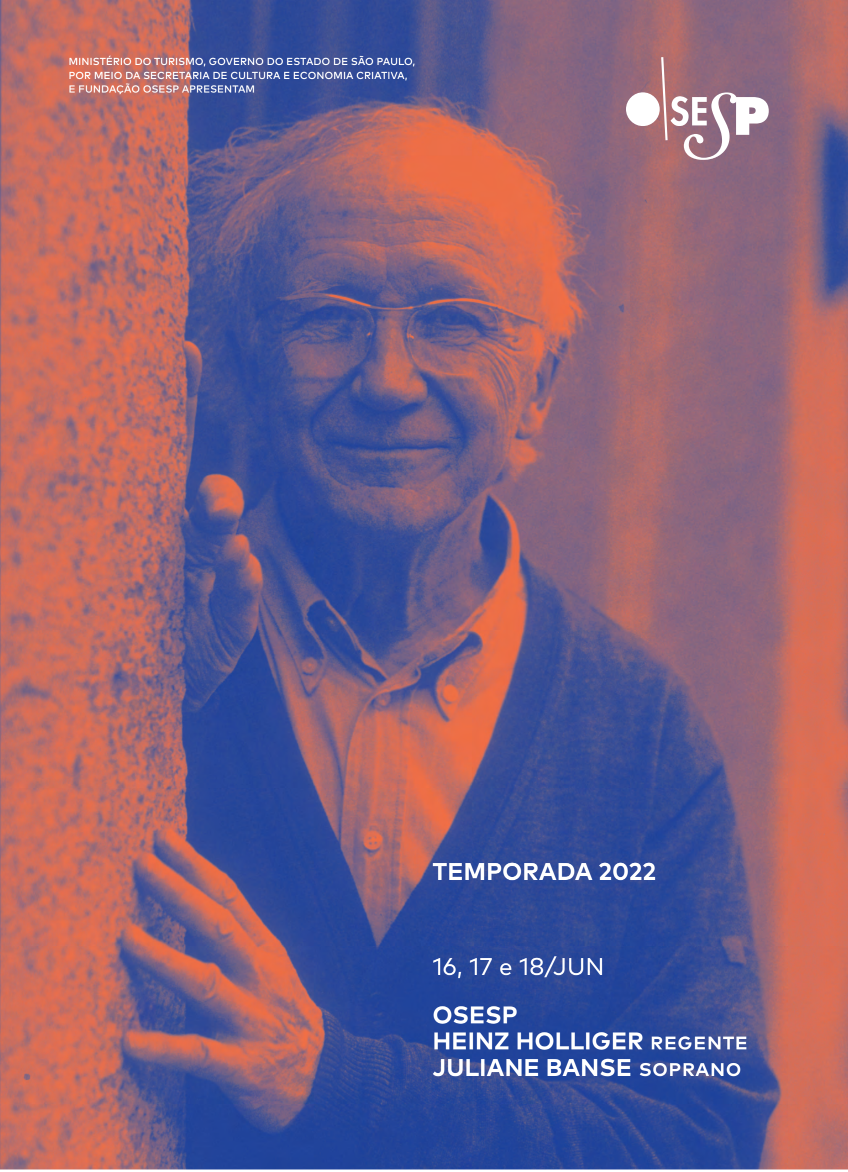


MINISTÉRIO DO TURISMO, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

TEMPORADA 2022

16, 17 e 18/JUN

OSESP
HEINZ HOLLIGER REGENTE
JULIANE BANSE SOPRANO

16.6 quinta 20H30
17.6 sexta 20H30 CONCERTO DIGITAL
18.6 sábado 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP
HEINZ HOLLIGER REGENTE
JULIANE BANSE SOPRANO

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)
Clair de Lune [Luar] (1890-1905)
[ORQUESTRAÇÃO DE ANDRÉ CAPLET]
5 MIN

Três Poemas de Stéphane Mallarmé (1913)
[ORQUESTRAÇÃO DE HEINZ HOLLIGER – 2016]
_SOUPIR [SUSPIRO]
_PLACET FUTILE [APELO FÚTIL]
_ÉVENTAIL [LEQUE]
10 MIN

HEINZ HOLLIGER (1939)
Dämmerlicht [Crepúsculo] (2014-15) [ESTREIA BRASILEIRA]
I
II
III
IV
V
24 MIN

/INTERVALO 20 MIN

FRANZ SCHUBERT (1797-1828)
Sinfonia nº 8 em Si Menor, D 759– Inacabada (1822)
1. ALLEGRO MODERATO
2. ANDANTE CON MOTO
25 MIN

DEBUSSY
Clair de Lune
Três Poemas de Stéphane Mallarmé

HOLLIGER
Dämmerlicht

Uma frase famosa, atribuída a diferentes autores (Frank Zappa, Elvis Costello, Martin Mull), provoca: “escrever sobre música é como dançar sobre arquitetura”. Além da óbvia estocada nos críticos e teóricos da música, que sempre agrada aos leigos, uma das razões que faz com que essa observação seja tão cultuada é que ela evidencia, com muito espírito, uma das maiores dificuldades da arte em geral: não há como fazer uma “tradução” perfeita de uma linguagem artística para outra, pois cada forma de expressão só pode ser entendida em seus próprios termos. Nem por isso os teóricos desistem de entender e explicar a música e nem os compositores abrem mão de tentar capturar em suas obras a impressão que lhes causou um quadro, um poema ou um gesto.

No programa de hoje, três peças obtêm sua inspiração da poesia, no caso de Debussy, de poemas de Verlaine e Mallarmé, na obra de Holliger, dos haicais, típicos poemas curtos japoneses, famosos por sua concisão. As duas obras de Debussy, em especial, não apenas tentam transformar em música a cadência e o efeito geral de textos poéticos, mas propõem, ainda, um outro tipo de tradução: são versões orquestradas de obras pianísticas.

O poema de Verlaine, *Clair de Lune*, que serviu de modelo para Debussy, curiosamente também busca uma aproximação entre duas artes. Seus versos recriam em poesia um quadro visual: são praticamente uma descrição, linha a linha, do ambiente — que o poeta compara à alma da mulher amada — saturado de calma, melancolia e beleza, e no qual, sob a luz do luar, mascarados tocam alaúde e dançam, acompanhados por pássaros sonhadores e pelo farfalhar da água de uma fonte. Esse poema agradou de tal forma ao compositor que ele viria a criar três obras inspiradas em seus versos: duas canções e sua obra pianística mais conhecida.

Terceiro — e mais lírico — movimento da *Suite Bergamasque*, a peça *Clair de Lune* foi orquestrada por vários compositores, dentre os quais André Caplet, vencedor do Prix de Rome de 1901 e amigo de Debussy. A versão de Caplet põe em relevo a luminosidade da música original, explorando timbres com a mesma habilidade de seu colega, um feito considerável. O tema passa de mão em mão entre os naipes da orquestra e é tratado com o cuidado com o qual se manipula uma estatueta de cristal. As harmonias exóticas e complexas delineadas por Debussy mantêm todo o seu sabor e intensidade. A popularidade desse arranjo atesta o talento de Caplet, ele mesmo compositor de grande mérito.

No mesmo ano de 1913, tanto Ravel como Debussy musicaram poemas de Mallarmé. Estavam ambos encantados com a força da linguagem do poeta, extremamente lírica e enigmática, em que o sentido é frequentemente sacrificado em favor da assonância das palavras. Nada mais natural, portanto, que dois compositores que procuravam um som único e caracteristicamente francês se deixassem enfeitiçar por esse universo hermético e mágico proposto pelo poeta. Assim como o *Clair de Lune* de Verlaine, os três poemas de Mallarmé têm um forte apelo visual, evocando prados e águas correntes, outonos e crepúsculos, com um caráter inequivocamente pastoril.

As peças mallarmeanas de Debussy, apesar de ainda inscritas na tonalidade, chegam muito perto do atonalismo, engendrando um clima de exotismo e esfumaçamento da paisagem sonora. A versão que ouviremos hoje é uma bem-sucedida orquestração realizada por Heinz Holliger em 2016. Segundo o oboísta, maestro e compositor suíço, a obra "não é uma tentativa de competir com a linguagem orquestral incomparável de Debussy. É mais uma intenção, talvez, de pensar, de sonhar com aquelas canções de piano de consternadora beleza vertidas em meu próprio som orquestral; não uma tentativa historicizante de imitar o inimitável, mas a aspiração de reunir cada partícula e nuance desses maravilhosos ciclos, sem lhes acrescentar uma única nota alheia".

Igualmente composta por Holliger a partir de um encontro poético, a obra *Dämmerlicht* toma como modelo os haicais, cuja maior fonte de inspiração é a natureza. Palavras como orvalho, pôr do sol, nuvens e crepúsculo ocupam lugar de destaque, lembrando o ambiente visual e sonoro dos artistas franceses, mas de maneira ainda mais depurada. A música explora os contrastes entre som e silêncio, notas longas e curtas, cromatismos e efeitos especiais nos sopros e cordas, que parecem reproduzir os ruídos sempre cambiantes da natureza, desfocando os limites de cada som, como a luz que se transforma em sombra no momento do crepúsculo. Mudanças de compasso, passagens fluidas e pausas inesperadas marcam esta música, que tem intenso sabor oriental.

O compositor observa: "Minha obra é baseada em um conjunto de cinco haicais que escrevi (em alemão) no último dia do ano de 1991 nos jardins imperiais em Tóquio, durante uma turnê com a Orquestra de Câmara Inglesa. Esses poemas, de 17 sílabas, foram ofuscados por pressentimentos sobre o iminente falecimento do meu querido professor

Sándor Veress, que veio a ocorrer em 4 de março de 1992. Dedico *Dämmerlicht* à memória do meu caro amigo Toru Takemitsu, que me apresentou os segredos do teatro Nô, Gagaku, Bugaku e Bunraku."

(2022)

> LAURA RÓNAI
> é Doutora em Música, responsável pela cadeira de flauta transversal na Unirio e professora no programa de Pós-Graduação em Música. É também Diretora da Orquestra Barroca da Unirio.

SCHUBERT

Sinfonia nº 8 em Si Menor, D 759 – Inacabada

Morto aos 31 anos, Schubert chegou a trabalhar em quinze sinfonias, das quais cerca de metade não foi concluída ou ficou apenas no esboço. Chama atenção o fato de que uma de suas mais célebres criações seja, justamente, a *Sinfonia nº 8*, conhecida como *Inacabada*. Schubert também deixou incompletas várias outras partituras (em especial de música de câmara). Impossibilidade de concluir? Angústia diante da morte ou da doença? A discussão continua aberta.

As primeiras *Sinfonias* (da *Primeira*, em Ré Maior, até a *Sexta*, em Dó Maior), compostas entre 1813 e 1818, não apresentam problema de numeração, ainda que o esboço de uma outra sinfonia em Ré Maior seja anterior a esse primeiro conjunto. Com a *Sinfonia em Mi Menor* (1821), que se segue aos esboços de dois projetos não levados a cabo, as coisas se complicam: essa partitura bastante adiantada comporta apenas 110 compassos orquestrados e foi alvo de diversas tentativas de término, uma das quais de Brian Newbould, com o título de *Sinfonia nº 7* (há uma gravação dela regida por Gabriel Chmura).

A célebre *Sinfonia Inacabada*, a oitava da cronologia tradicional, só contém dois movimentos (que, interligados por íntima unidade orgânica, produzem a paradoxal impressão de integralidade), assim como o esboço de um "Scherzo" terminado por Schubert numa versão para piano. Segue-se uma *Sonata para Piano a Quatro Mãos em Dó Maior*, que foi orquestrada várias vezes, notadamente por Joseph Joachim e René Leibowitz (esta versão foi interpretada em Paris, em 1966). Uma sinfonia abortada?

[...]

As seis primeiras *Sinfonias* de Schubert formam um ciclo que pode ser situado na linhagem das *Sinfonias* de Haydn ou de Mozart e que, por sua vez, serviu de inspiração para as *Sinfonias para Cordas* compostas no início dos anos 1820 pelo jovem Mendelssohn. As três primeiras só foram estreadas várias décadas depois da morte do compositor, por August Manns, no Crystal Palace de Londres. As três seguintes foram tocadas por uma orquestra de amadores, com Schubert ainda vivo.

[...]

A história da *Sinfonia nº 8 — Inacabada* é famosa. Aceito como membro da Sociedade Musical da Estíria por Josef Hüttenbrenner, Schubert promete enviar-lhe uma sinfonia, mas só lhe entrega dois movimentos (datados de 30 de outubro de 1822). Conservadas entre os papéis da Sociedade, as partituras só foram reveladas em 1860 ao regente Johann von Herbeck, que se incumbiu de sua primeira audição em 17 de setembro de 1865, no Musikverein de Viena.

O célebre crítico vienense Eduard Hanslick relata a emoção provocada naquele dia por uma peça cujo colorido orquestral inaugura uma nova era: “Quando, após alguns compassos de introdução, o clarinete e o oboé entoam em uníssono seu canto suave acima do calmo murmúrio dos violinos, até uma criança reconheceria o autor, e pela sala corre uma exclamação mal abafada, como que sussurrada: Schubert! Ele mal acaba de entrar, mas parece que pode ser reconhecido pelos passos, pela maneira de empurrar o trinco da porta.”

Essa partitura pungente inspirou numerosas hipóteses e várias tentativas de conclusão, mas nenhuma prevaleceu. A mais séria continua sendo a de Newbould, que orquestrou o “Scherzo” e propôs que, como final, se tocasse o primeiro entreato da música de cena de *Rosamunde*.

É difícil acreditar que o autor desses dois movimentos seja o mesmo que escreveu as seis *Sinfonias* anteriores. O clima já não é de vitória ou de alegria desenvolta. Dessa vez, o compositor fala de si mesmo e lastima seu destino; abre novas portas e elas se escancaram, como demonstram os pianíssimos descendentes do “Andante”.

Pela tensão que contêm, o “Allegro Moderato” e o “Andante Con Moto” não poderiam ir mais longe, nem, com muito mais motivo, poderiam tolerar que a eles sucedesse qualquer "Scherzo" (já vimos que Schubert só deixara um esboço do terceiro movimento). Sem que sejam realmente rápidos ou lentos, esses dois movimentos comportam uma carga de tristeza e de infinito pessimismo.

O primeiro começa com uma melodia dolorosa do oboé que, percorrendo um desenvolvimento corroído por dissonâncias, redunda em certas ascensões em direção à loucura. A presença de três trombones (pela primeira vez, numa sinfonia de Schubert) torna tudo ainda mais ameaçador.

No segundo, encontra-se o mesmo sentimento de fracasso, uma mistura de raiva e angústia, consolações fugazes rapidamente varridas. Essa narrativa de deploração, que fala de toda a aflição do compositor, é confiada ao clarinete. Os compassos finais são cheios de delicadeza e resignação.

A não conclusão seria sinal de um desejo intenso de infinito?

CHRISTIAN WASSELIN
Colaborador da revista *Opéra* e da Radio France, além de autor dos livros Berlioz: *Les Deux Ailes de l'Âme* (Gallimard, 1989), *Berlioz ou le Voyage d'Orphée* (Rocher, 2003) e *Clara, le Soleil Noir de Robert Schumann* (Scali, 2007).

Tradução de Ivone Benedetti.

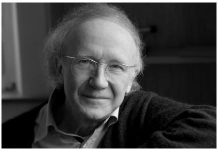
Leia o ensaio completo publicado
na *Revista Osesp* 2016:
bit.ly/revistaosesp2016

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de

2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China e em Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada ineditamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky, recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



HEINZ HOLLIGER REGENTE

—

Nascido em 1939, na Suíça, Heinz Holliger destaca-se pela versatilidade musical, ao atuar como oboísta, regente e compositor. Formou-se nos conservatórios de Berna e Basileia e estudou composição com Sándor Veress e Pierre Boulez. Requisitado pelos principais conjuntos sinfônicos do mundo, ele já regeu a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Concertgebouw de Amsterdã, a Filarmônica de Londres e a Filarmônica de Viena, além da própria Osesp. Desenvolveu extensa colaboração com a Orquestra de Câmara da Europa. Recebeu inúmeros prêmios por seu trabalho e tem sua obra gravada pelos selos Teldec, Philips e ECM.

JULIANE BANSE SOPRANO

—

Nascida no sul da Alemanha e criada em Zurique, na Suíça, a soprano primeiramente teve aulas com Paul Steiner, depois com Ruth Rohner, na Ópera de Zurique, e, então completou seus estudos com Brigitte Fassbaender e Daphne Evangelatos, em Munique. Desde 2020, é professora no Mozarteum, em Salzburgo. A artista trabalhou com inúmeros maestros renomados, incluindo Lorin Maazel, Kent Nagano e Claudio Abbado. Os recitais sempre foram sua paixão e a levaram ao Festival Schubertiade Schwarzenberg; ao Wigmore Hall, em Londres; à Konzerthaus, em Viena; à Kölner Philharmonie, em Colônia; e à Pierre Boulez Saal, em Berlim.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA*
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER* EMÉRITO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉ FERREIRA RODRIGUES
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
FLORENCE SUANA**

VIOLONCELOS
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
DANIEL TASSOTTI**

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO
ANTONIO CARLOS LOPES JR.*
MARCOS MOTTA
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
FILIPE QUEIRÓS
DIEGO BOSCOLO**

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

CONVIDADOS DESTE PROGRAMA
GERSON NONATO VIOLINO
VINICIUS MENDES VIOLINO
RENATO DE SÁ VIOLONCELO
ALEXANDRE BOCCALARI OBOÉ
ALLAN MARQUES TROMPETE
SOLEDAD YAYA HARPA
LÍDIA BAZARIAN PIANO

(*) CARGO INTERINO
(**) ACADEMISTA DA OSESP

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNADOR
RODRIGO GARCIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SÉRGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

CHEFE DE GABINETE DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
FREDERICO MASCARENHAS

COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL, BIBLIOTECAS E LEITURA
CHRISTIANO LIMA BRAGA

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI

CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

FOTO DE CAPA: HEINZ HOLLIGER © JULIETA SCHILDKNECHT
EDIÇÃO E REVISÃO DO TEXTO SOBRE DEBUSSY E HOLLIGER: IGOR REYNER

Lei de Incentivo à
CULTURA

SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA**

MINISTÉRIO DO **TURISMO**

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

/osesp
/osesp_
/videososesp
/osesp

/salasaopaulo
/salasaopaulo_
/salasaopaulodigital

osesp.art.br
salasaopaulo.art.br
fundacao-osesp.art.br